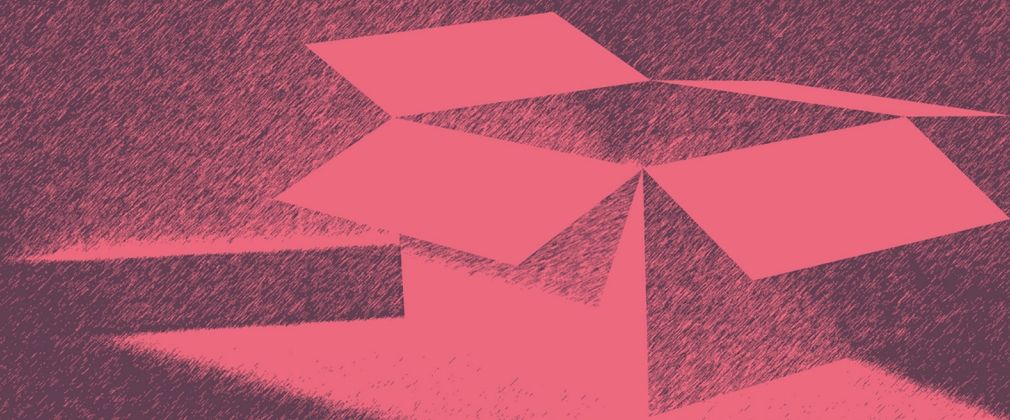


# O AMOR VEM DEPOIS

UMA HISTÓRIA  
SOBRE O FIM



UM ROMANCE DE  
BRUNO FONTES  
ZACK MAGIEZI

 Planeta

PRIMEIRA EDIÇÃO: MARÇO DE 2015. 160 PÁGINAS. R\$ 14,90.

# O AMOR VEM DEPOIS

UMA HISTÓRIA  
SOBRE O FIM

BRUNO FONTES  
ZACK MAGIEZI



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Bruno Fontes, 2021  
Copyright © Zack Magiezi, 2021  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021  
Todos os direitos reservados.

**Preparação:** Franciane Batagin  
**Revisão:** Elisa Martins e Laura Vecchioli  
**Projeto gráfico e diagramação:** Natalia Perrella  
**Ilustrações:** Zack Magiezi  
**Foto dos autores:** Alberto Prado  
**Capa:** Gabriela Gennari / Tereza Bettinardi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Fontes, Bruno  
O amor vem depois: uma história sobre o fim / Bruno  
Fontes, Zack Magiezi. -- São Paulo: Planeta, 2021.  
160 p.

ISBN 978-65-5535-526-0

1. Ficção brasileira I. Título II. Magiezi, Zack

CDD B869.3

21-3709

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo.

2021  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP CEP 01415-002  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

dia 1 **12**

dia 2 **20**

dia 3 **32**

dia 4 **50**

dia 5 **68**

dia 6 **92**

dia 7 **116**

dia 8 **136**

dia 1



sinto falta  
de certos abraços  
como se fossem cidades.

# Sábado

— Como tu consegues beber isso? — perguntou a moça que estava no banco ao lado.

Pedro ergueu as sobrancelhas e permaneceu com o olhar à frente, contemplando os copos enfileirados e brilhantes enquanto carregava uma pequena expectativa de que a vizinha desistisse do contato. A voz que ele escutou, recheada de sotaque, e a mão dedilhando o topo de um coquetel no balcão eram suficientes para mantê-lo em postura defensiva, apesar da inevitável curiosidade, atributo que descobriria no futuro ser culpa da posição da Lua no dia do seu nascimento. Ela repetiu a pergunta, dessa vez tentando ultrapassar o volume de uma espécie de jazz que saía das caixas de som de um lugar que era moderno por

parecer velho, descrito em alguma revista como: *vintage*, *drinques ótimos*, *quatro estrelas*. Pedro daria no máximo duas. Talvez, se alguém escutasse com atenção, notaria que era a mesma música tocando em looping a noite toda, camuflando-se nas conversas, nas risadas, no bater dos copos.

— Não sei o que estou bebendo — respondeu Pedro, sem fazer qualquer menção de virar o rosto na direção dela. Apenas levantou o copo, observou o líquido e virou um pequeno e lento gole, fingindo que, naquela altura da vida, estava pronto para beber qualquer coisa. — Quem escolheu a bebida foi o amigo que me trouxe aqui. Mas, logo em seguida, sumiu, como sempre faz — explicou, virando o rosto e deixando escapar um olhar em direção à moça antes de pedir licença e sair em busca de quem o abandonara.

Fugia do que poderia ser uma agradável conversa, ou noite, ou até mesmo uma nova história, como se naquela voz morasse algum tipo de perigo. Não era medo, porém, o que ele carregava, ele apenas não se importava. Eram tempos de fuga.

Pedro subiu uma estreita escada em busca de Fernando, que àquela hora já devia estar falando alto, torto, e ter feito um milhão de novos amigos. No segundo andar, encontrou-o sentado em um sofá rasgado, gesticulando histórias inventadas para um casal. Ao notar a presença de

Pedro na ponta da escada, Fernando foi ao seu encontro, abraçou o seu pescoço e o arrastou até o bar, ignorando as pessoas que acabara de conhecer.

— Achei que você tinha se dado bem com a portuguesa, ela te deu bola desde que chegamos — disse Fernando, enquanto recebia mais uma bebida do garçom, em um tom de voz que se mostrava bêbado ou feliz, tanto fazia, para ele as duas coisas se equivaliam.

Fernando costumava encontrar flerte em tudo, até em uma acidental troca de olhares, e distribuía conselhos de conquista que, aparentemente, não funcionavam nem com ele. Não era um rapaz feio, tampouco bonito. Também não era alto ou baixo, gordo ou magro, inteligente ou burro. Era medíocre em quase tudo. De vez em quando, surgia com uma namorada que resumia o encanto por ele dizendo: “É engraçado esse jeito dele”. E, apesar da calvície precipitada, era alguns meses mais novo do que Pedro, o suficiente para se permitir ser mais irresponsável. Era um desses amigos que a vida entrega sem dar chances de recusa, quase uma adoção forçada. Quando notamos, estamos jurando fidelidade, carregando no ombro e escutando declarações de amor desnecessárias ao pé do ouvido.

Pedro contornou o corpo de Fernando com o braço e pediu ao barman um copo de plástico, pois era hora de irem embora. Fernando despediu-se dos funcionários do local de

forma acalorada e acelerou o passo para alcançar o parceiro, que caminhava na frente, como se fosse dono daquelas ruas.

\*\*\*

Já era fim de madrugada em Lisboa, e poucos turistas e amantes da noite ainda se aventuravam fora dos bares. Na Pink Street, o barulho cafona da diversão escapava cada vez que alguma porta era aberta, revelando grupos cambaleantes que desfrutavam de uma felicidade genuína. As gargalhadas e as bobagens ditas aos gritos soavam com uma honestidade reconhecida somente em crianças. Todos estavam felizes e bêbados, tentando reencontrar-se com a infância.

Os dois amigos andavam em direção ao rio Tejo, ritual criado durante a viagem e parada obrigatória quando estavam a caminho do hostel. Decidiram, em comum acordo, que deveriam despedir-se do local, pois na manhã seguinte embarcariam para São Paulo.

Chegando ao cais, passaram por tucas e brasileiros, que conversavam como se estivessem na cozinha de suas casas, bebendo vinhos bons e baratos, comprados de indianos que fechavam as portas nos horários que bem entendiam. Não estava barulhento; o ruído do rio misturava-se à conversa dos jovens, e poderia até ser chamado de silêncio,

pois era aquela a quietude da cidade. O vento frio, no período que antecipava o inverno, trazia com ele o desejo pelo fogo. Fernando ficou em pé na mureta e ofereceu um trago para Pedro, que, sentado, encarava a ponte 25 de Abril, ignorando a cor do céu que deslizava do preto para o azul.

Pedro aceitou o cigarro e tossiu duas vezes antes de dizer:

— Obrigado, cara.

Durante a viagem compartilharam longos momentos de silêncio, durante os quais Fernando respeitava a confusa liberdade de Pedro, que carregava dúvidas pesadas, diluídas nos momentos de felicidade. Fernando estava pronto a todo momento – com dois copos cheios nas mãos, pois, dessa forma, não era preciso lembrar que havia uma vida para cuidar do outro lado do oceano. Talvez ali, no Cais do Sodré, diante de um rio sem barcos, assistidos pela luz da lua, aquele fosse o único momento em que tocaram no delicado assunto.

— Você já decidiu o que vai fazer? — perguntou Fernando, sentando-se ao lado do amigo.

— Enquanto o dia não amanhecer, não tenho nada para decidir.